

PROCESSO COLABORATIVO DE CRIAÇÃO CÊNICA DO GRUPO DE TEATRO UNIVERSITÁRIO MOSSOROENSE

Raimundo Nonato Santos da Costa*

RESUMO: A proposição deste artigo é descrever os aspectos estruturais e históricos que influenciaram na escolha do processo colaborativo de trabalho adotado como modelo para encenação do espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso, texto de autoria do pernambucano Luiz Felipe Botelho, montado pelo Grupo de Teatro Universitário Mossoroense – GRUTUM no ano de 2014, com duração de 15 minutos foi exibido em pequenas salas, cuja montagem do espetáculo foi realizada utilizando técnicas do teatro de bonecos, respaldada estética e teoricamente nos espetáculos de mamulengos.

Palavras-chave: Processo Colaborativo. Mamulengo. Teatro. Bonecos.

THE GRUTUM'S COLLABORATIVE PROCESS OF THE SCENIC ART.

ABSTRACT: This paper aims to describe the structural and historical aspects that influenced the choice of collaborative work process adopted as a model to show the puppet theatre “O Segredo da Arca de Trancoso” written by Luiz Felipe Botelho, from Pernambuco/Brazil. The play was staged by Grupo de Teatro Mossoroense – GRUTUM in the year 2014, was performed in small rooms, lasts fifteen minutes and was performed using puppetry techniques.

Keywords: Collaborative Process. Mamulengo. Theater. Puppet.

* Mestre em Artes Cênicas, diretor Cultural na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: nonatosantos.uern@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O projeto Histórias de Trancoso, foi desenvolvido pelo Grupo de Teatro Universitário Mossoroense (GRUTUM), cuja proposta metodológica consistiu em pesquisa de caráter teórico sobre a história do teatro com formas animadas no Rio Grande do Norte, a estética e formas de manipulação, concepção e construção de bonecos, concomitante com realização de laboratórios e oficinas práticas de manipulação, concepção e construção dos bonecos que foram utilizados na montagem do espetáculo.

Terminada a produção/elaboração/concepção dos bonecos, adereços e cenários, foram realizadas seis apresentações do espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso no Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Após as exhibições, com o objetivo de captar o nível de recepção e entendimento acerca do espetáculo e da dimensão acadêmica, artístico e cultural da proposta, realizávamos rodas de conversa com a participação do público-alvo, geralmente composto de discentes, docentes, servidores técnicos e de pessoas externas à UERN.

Considerando as especificidades da comunidade em que atuam, as instituições de ensino superior devem ser potencialmente fomentadoras de políticas públicas, que possam favorecer, por meio de suas Pró-Reitorias de Extensão, a democratização, o acesso e fruição dos bens culturais para as pessoas em geral. Visto por esse ponto, o GRUTUM, vinculado a Diretoria de Educação, Cultura e Artes, setor ligado a Pró-Reitoria de Extensão da UERN, vem através de sua atuação artística, desenvolvendo ações que favorecem a democratização do conhecimento e ao mesmo tempo, respeitando e utilizando os saberes populares locais na construção de seus trabalhos cênicos, ampliando o conhecimento de seu elenco.

Os integrantes do GRUTUM, em sua maioria, são alunos e alunas de diversos cursos de graduação e pós-graduação da UERN, contando também, com integrantes da comunidade não acadêmica em seu elenco. O grupo entende que a extensão universitária deve servir como instrumento de inserção social para aproximar a academia das comunidades adjacentes.

Faz-se necessário que os/as integrantes do GRUTUM, por meio da atuação cênica, possam agir como disseminadores(ras) de arte e cultura destinando parte de

suas atividades à disseminação de sua produção cênica junto à comunidade e/ou segmentos sociais residentes em bairros periféricos, escolas públicas, entre outros e, com baixo poder de acesso a bens culturais.

Com a montagem do espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso, inspirado no universo dos contos orais brasileiros e na estética do mamulengo, o GRUTUM apoiou-se na linguagem do teatro de bonecos, adotado como matriz cultural e processo criativo do seu trabalho, utilizando o método colaborativo para criação e concepção espetacular, investindo assim, na formação artística continuada de seus integrantes, buscando sempre a interação entre extensão, ensino e pesquisa como princípio norteador de seu trabalho cênico.

Foto 1 – Bonecos de manipulação



Fonte: Acervo do GRUTUM – DECA/PROEX/UERN

Sobre o processo colaborativo, cabe aqui ressaltar que a noção de processo criativo ou compartilhado é secular quando se trata do teatro popular e está presente em relatos de diversos nomes importantes da história do teatro mundial, como por exemplo, Shakespeare, Molière e Brecht, entre outros. Não se trata de inovação, mas de uma atualização de práticas, uma vez que o processo colaborativo não é apenas uma sequência de exercícios práticos de criação, mas um conjunto de procedimentos que busca responder ao momento histórico e social ao qual pertence e que, na prática, cada coletivo teatral utiliza à sua maneira.

Adélia Nicolete (2003, p. 206) afirma que: “o processo colaborativo é uma modalidade de construção do espetáculo contemporâneo que se caracteriza, basicamente, pela equiparação das responsabilidades criativas”. O termo processo colaborativo é remanescente do termo criação coletiva, muito utilizado pelos coletivos teatrais da década de 1970 e a década de 1980. A criação coletiva vem sendo considerada, por diversos autores, como uma antecedente histórica do processo colaborativo.

A noção de criação coletiva é inseparável da noção de teatro quanto a arte produzida coletivamente. O teatro é por excelência uma arte convergente, porque uni diversas outras artes a serviço de sua criação, sendo, portanto coletiva em diversos sentidos. Mesmo quando determinados agentes da criação cênica, como por exemplo, o encenador do espetáculo, como aconteceu no Brasil, na chamada década do encenador, durante os anos 1980, exerce suas funções criativas fazendo-a preponderar sobre as outras no direcionamento do trabalho em teatro, o aspecto coletivo inerente ao trabalho teatral se faz presente na cena. Antônio Araújo, nos lembra em sua tese de doutorado, que:

A expressão processo colaborativo começou a ser usada na segunda metade da década de 90 dentro de um contexto de retomada do movimento de teatro de grupo na cena paulistana. O retorno desta perspectiva grupal, que aparece quase como um contraponto à hegemonia do encenador no teatro brasileiro da década anterior, vai, pouco a pouco, ganhando uma dimensão nacional (ARAÚJO, 2008, p. 57).

Devido ao seu processo de criação e da necessidade de participação ativa do outro, o GRUTUM buscou, com o processo colaborativo, promover uma síntese das experiências realizadas em montagens anteriores, mediante a horizontalização das relações entre os criadores do espetáculo, no qual, todos os envolvidos tiveram participação em todas as etapas da construção do trabalho.

2 O COLABORATIVO COMO PRINCÍPIO CRIADOR DE UMA OBRA PLURAL

Como parte integrante e indissociável da montagem, os integrantes do elenco do GRUTUM realizaram levantamento buscando identificar e catalogar os “mamulengueiros” do Rio Grande do Norte. A denominação dos bonecos varia de uma região para outra no Brasil e podem ser chamados de: “Briguela ou João Minhoca em Minas Gerais; Mané Gostoso na Bahia; Mamulengo em Pernambuco e no Rio Grande do Norte de João Redondo”.

Neste sentido, a curta temporada do espetáculo coadunou os princípios extensionistas da UERN e os do Plano Nacional de Cultura, na medida em que contribui para preservar e difundir a arte e a cultura, promovendo a formação de público, a recepção qualificada e a abertura de espaços para novas produções artísticas.

A estrutura cênica do espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso caracterizou-se pela apropriação de linguagem do teatro de bonecos, mais especificamente, do mamulengo, possibilitando aos integrantes do GRUTUM a vivência com o teatro de formas animadas, a experimentação da relação dicotômica entre o mamulengo e o mamulengueiro. Esta relação foi bastante explorada na encenação, a partir do estabelecimento de um divertido jogo onde frequentemente se invertiam as posições entre o manipulador e o manipulado.

Os conceitos de apropriação utilizados neste trabalho referem-se à abordagem estética e conceitual relacionados à encenação, defendida por Alex Beigui em sua tese de doutoramento e, ao conceito proposto por Idelette Muzart F. dos Santos, no que se refere às experiências com o texto literário, por considerá-los mais adequado à compreensão da experiência estética e social que o GRUTUM teve ao encenar o texto O Segredo da Arca de Trancoso.

Partindo da apropriação do texto escrito, o espetáculo realizado pelo GRUTUM colocou em paralelo as atribuições de cada um dos participantes no processo de encenação, objetivando alocar todos os agentes envolvidos como criadores a serviço da construção da cena. Esta horizontalidade das relações na construção cênica é geralmente identificada como um princípio básico do procedimento colaborativo. O caráter dialógico do processo da encenação fundamentado nas múltiplas interferências dos diversos agentes da cena na realização do espetáculo foi determinante para concretização da montagem.

No caso específico do GRUTUM, este processo foi resultante da investigação e experimentação dos atores/atrizes com a linguagem do teatro de animação, cujo propósito foi causar impacto positivo no teatro produzido pelo grupo, adotando como norma a utilização de espaços cênicos, que por se tratar de uma experiência nova dentro do seu modo de produção, passou a ser compartilhado e experimentado por todos integrantes, já que o processo colaborativo foi utilizado enquanto método e perspectiva criativa para a montagem do espetáculo.

A organização, a encenação e a produção do espetáculo foram inspiradas pelos princípios do processo colaborativo e na horizontalidade das relações entre os agentes criativos do espetáculo. Desse modo, o grupo ampliou as possibilidades de construção cênica devido à continuidade da investigação criativa.

A encenação do espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso foi orientada pelo processo colaborativo de produção, processo que o dramaturgo Luiz A. Abreu (2003, p.5) descreve como: “proposta de construção do espetáculo teatral que se caracteriza por uma participação ampla de todos os integrantes do grupo na criação do espetáculo”.

A escolha da metodologia da criação colaborativa empregada no trabalho de montagem do espetáculo foi uma resposta à necessidade de entender o teatro de animação enquanto brincadeira teatral. Entendimento este que representava a busca dos integrantes do grupo e que foi buscado coletivamente por todos/todas.

A cultura popular e suas brincadeiras têm sido objetos de debates, reflexões e estudos no meio acadêmico. A partir das brincadeiras, que são ao mesmo tempo diversão e rito social, o GRUTUM buscou as bases para a experimentação do seu “fazer teatral”.

Brinquedo ou brincadeira é a denominação frequentemente utilizada para designar as manifestações cênicas populares do Nordeste nas quais os participantes se consideram “brincantes”. Segundo Hermilo Borba Filho (2007, p. 17), “os próprios participantes dessas manifestações se consideram e se auto intitulam brincantes, definindo a função como Brinquedo ou Brincadeira”.

Ao adotar como metodologia de trabalho o processo colaborativo e ao estabelecer a ponte entre o estudar teatro e relacioná-lo à prática da encenação, logo nos primeiros encontros, fizemos exercícios para estimular tanto a linguagem corporal do elenco quanto exercícios para memória, interpretação, criatividade e voz.

Nas semanas seguintes, focamos na montagem das cenas do espetáculo de forma mais direta. A peça foi projetada para ter como espaço cênico as salas de aula, por isso, todo o cenário foi relativamente de fácil montagem, a dramaturgia e a encenação foram inspiradas pelas manifestações da nossa cultura popular, portanto, bastante coloquial, para possibilitar a fácil compreensão do público.

Optamos por criar um clima de colônia de férias já na encenação do prólogo, trazendo para cena lençóis espalhados pelo chão e todo o elenco vestido com pijamas. Começamos por deixar numa mesa, os elementos de cena a serem utilizados. Posteriormente, observou-se que ficaria mais dinâmico colocar uma arara para os figurinos, de modo que o elenco pudessem pegá-los de forma natural, como se faz cotidianamente.

Foto 2 – Cena do prólogo do espetáculo



Fonte: Acervo do GRUTUM – DECA/PROEX/UERN

Coletivamente, criamos uma narração em formato de estória para dormir, feita da forma mais simples e espontânea possível. Utilizamos máscaras para composição de personagens que classificamos como fantásticos e bonecos para os personagens que chamamos de sobrenaturais. As máscaras e os bonecos foram elaborados a partir da realização de uma oficina de construção e manipulação de bonecos e contou com participação de todo o elenco.

Definimos coletivamente os papéis e começamos a ensaiar. Nessa fase do trabalho, tivemos a oportunidade de colaborativamente ajustar o roteiro de acordo

com nossa necessidade, de perceber nossas possibilidades cênicas e de orientar uns aos outros sobre como superá-las. A atriz Fernanda V. Mesquita afirmou em sua avaliação que: “esse foi um dos grandes pontos positivos que percebi no grupo – a capacidade de cooperação – o que nos ajudou a passar por várias adversidades.”

Concomitante com a montagem do espetáculo, foram organizadas as equipes de divulgação e produção que ficaram responsáveis pelos figurinos, cenários e o que mais fosse necessário para as apresentações. Aqui, cabe registrar que mesmo durante o período de recesso das aulas e das apresentações, o grupo decidiu aproveitar o tempo e a oportunidade, conforme registrado em memória de reunião do GRUTUM, “começar um curso de técnica vocal, visando expandir capacidades e melhorar o trabalho dos atores e atrizes do espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso”, bem como em espetáculos futuros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que a partir da experiência vivenciada pelo GRUTUM com o espetáculo O Segredo da Arca de Trancoso, o grupo começou a experimentar, além da linguagem do teatro de animação, demonstrações de cuidado com suas produções cênicas, o que, na nossa opinião, representou um avanço para organização interna do grupo. As influências foram mútuas e múltiplas, inclusive pelo embate de ideias acerca da produção teatral e sua função na sociedade local.

Como metodologia de avaliação utilizamos a técnica de roda de conversa para estabelecer a relação entre as ações do projeto que chamamos de “Histórias de Trancoso” e as atividades acadêmico, científicas culturais da UERN e sua capacidade de articulação com os demais projetos de extensão em desenvolvimento na área artístico-cultural da Universidade.

A ocupação de salas de aula como local da encenação para realização do espetáculo, a adoção do processo colaborativo com sua relação dialógica e participativa entre os integrantes do GRUTUM durante o processo de montagem do trabalho possibilitaram aprendizados internos e externos que pela própria dinâmica do trabalho, lhe serviu de base para solidificação do grupo e manutenção dos estudos e das pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luis Alberto de. Debate dramaturgia de grupo: o coletivo na dramaturgia; autores debatem o teatro como disputa de pensamento. *O Sarrafo*, São Paulo, n. 2, abr. 2003. Teatro em Debate.

AMARAL, Ana. Maria. O Inverso das coisas: teatro de animação: boneco, figura ou formas animadas. *Revista UNIMA BRASIL*, Associação Brasileira de Teatro de Bonecos - ABTB Associação Rio de Teatro de Bonecos - ARTB. São Gonçalo, 2007.

ARAÚJO, Antônio. *A gênese da vertigem: o processo de criação de O Paraíso Perdido*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

_____. *A Encenação no coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

BAKHTIN, Mikail. *A Cultura popular na idade média e no renascimento: o conceito de François Rabelais*. Tradução Yara F. Vieira. São Paulo: Anna-Blume/HUCITEC, 2002.

BEIGUI, Alex. *Dramaturgia por outras vias: a apropriação como matriz estética do teatro contemporâneo: do texto literário à encenação*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, 2006.

BOAL, Augusto. *200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. *Categorias do teatro popular*. Buenos Aires: CEPE, 1979.

BORBA FILHO, Hermilio. *Espectáculos populares do Nordeste*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2007.

BURKE, Peter. *O Que é história cultural*. 2. ed. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800*. 2. ed. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Raimundo Nonato Santos da. *Escarcéu e escassez no teatro de Mossoró: percursos e percalços de uma dramaturgia na rua*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

GURGEL, Deífilo. *Espaço e tempo do folclore potiguar*. FUNCART (PROFINC). Sec. Do 4º. Natal: Centenário, 1999.

IANNI, Octávio. *A Cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1985. (Coleção de estudos especiais, 01).

NICOLETE, Adélia. Dramaturgia em processo colaborativo e sua relação com a criação coletiva e o dramaturgismo. In: III Congressos de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE VII). Anais... Florianópolis, 2003.

SANTOS, Fernando Augusto G. Mamulengo: o teatro de bonecos popular no Brasil. In: *Móin – Móin: revista de estudos sobre teatro de formas animadas*. Jaraguá do Sul, ano 2, v. 3, SCAR/UDESC, 2007.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

VASSALLO, Ligia. *O Sertão medieval: origens européias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VIEIRA, César. *Em Busca de um teatro popular*. 3. ed. Santos: CONFENATA, 1981.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em artes: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas-SP: Autores Associados, 1998.